

“Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós,
que recorremos a Vós.” Amém.



p a r a e a

Copyright © 1987 by Paulo Coelho
<http://paulocoelhoblog.com>

Publicado mediante acordo com Sant Jordi Asociados Agencia Literaria SLU,
Barcelona, Espanha.

Todos os direitos reservados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA E MAPA Alceu Chiesorin Nunes

REVISÃO Nana Rodrigues e Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coelho, Paulo

O diário de um mago / Paulo Coelho. — 1^a ed. — São
Paulo : Paralela, 2017.

ISBN: 978-85-8439-070-0

1. Ficção brasileira I. Título.

17-03840

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br
facebook.com/editoraparalela
instagram.com/editoraparalela
twitter.com/editoraparalela

Quando começamos a peregrinação, achei que havia realizado um dos maiores sonhos da minha juventude. Você era para mim o bruxo D. Juan e eu revivia a saga de Castañeda em busca do extraordinário.

Mas você resistiu bravamente a todas as minhas tentativas de transformá-lo em herói. Isso tornou muito difícil nosso relacionamento, até que entendi que o Extraordinário reside no Caminho das Pessoas Comuns. Hoje em dia, esta compreensão é o que posso de mais precioso na vida, o que me permite fazer qualquer coisa; e irá me acompanhar para sempre.

Por esta compreensão — que agora procuro dividir com outros —, este livro é dedicado a você, Petrus.

O AUTOR

*Então lhe disseram: “Senhor, eis aqui duas espadas”.
E Ele respondeu: “Basta”.*

Lucas 22,38

Sumário

Antes de começar — trinta anos depois, 13
Prólogo, 19

A chegada, 25
Saint-Jean-Pied-de-Port, 32
O criador e a criatura, 49
A crueldade, 65
O mensageiro, 79
O amor, 95
O casamento, 112
O entusiasmo, 125
A morte, 139
Os vícios pessoais, 159
A conquista, 163
A loucura, 179
O mandar e o servir, 201
A tradição, 222
O Cebreiro, 243

Palavras finais — Santiago de Compostela, 269
O caminho revisitado, 271

Antes de começar

TRINTA ANOS DEPOIS

Custa acreditar que já se passaram trinta anos desde que fiz minha primeira (e única) peregrinação a pé até Santiago de Compostela. Foi um momento decisivo, quando parei de adiar meus planos e resolvi dedicar-me à única coisa que sonhava fazer na vida: escrever.

Custa ainda mais acreditar que *O diário de um mago*, publicado pela primeira vez em 1987 por uma pequena editora carioca, continua sendo um dos meus livros mais vendidos e mais traduzidos no mundo inteiro. Portanto, eu gostaria de voltar um pouco no tempo e observar a mim mesmo.

Estamos em uma tarde de julho ou agosto de 1986. Um bar, um café, uma água mineral, pessoas conversando e caminhando. O cenário: as imensas planícies que se estendem logo depois de Castrojeriz. Meu aniversário se aproxima, já saí de Saint-Jean-Pied-de-Port faz tempo e estou pouco além da metade do caminho que conduz a Santiago de Compostela.

Velocidade de caminhada: vinte quilômetros por dia.

Tudo me parece irreal.

O que estou fazendo aqui? Esta pergunta continua me acompanhando, embora várias semanas tenham-se passado.

Estou procurando uma espada. Estou comprindo um ritual de RAM, uma pequena ordem dentro da Igreja católica sem segredos ou mistérios além da tentativa de compreender a linguagem simbólica do mundo. Estou pensando que fui enganado, que a busca espiritual não passa de uma coisa sem sentido nem lógica e que seria melhor estar no Brasil, cuidando do que sempre cuidei.

Estou duvidando de minha sinceridade nesta busca, porque dá muito trabalho procurar um Deus que nunca se mostra, rezar nas horas certas, percorrer caminhos estranhos, ter disciplina, aceitar ordens que me parecem absurdas.

É isto: duvido da minha sinceridade.

Petrus, o meu guia, insiste que o caminho é de todos, das pessoas comuns, o que me deixa muito decepcionado. Eu pensava que este esforço fosse me dar um lugar de destaque entre os poucos eleitos que se aproximam dos grandes arquétipos do Universo. Achava que ia finalmente descobrir que são verdadeiras todas as histórias a respeito de governos secretos de sábios no Tibete, de poções mágicas capazes de despertar amor onde não existe atração, de rituais em que, de repente, as portas do Paraíso se abrem.

Mas não é nada disso: estamos no caminho das pessoas comuns.

É esse entusiasmo que nos conecta com o Espírito Santo, e não as centenas, milhares de leituras dos textos clássicos. É a vontade de acreditar que a vida é um milagre que permite que os milagres aconteçam, e não os

chamados “rituais secretos” ou “ordens iniciáticas”. Enfim, é a decisão do homem de cumprir o seu destino que o faz ser realmente um homem — e não as teorias que ele desenvolve em torno do mistério da existência.

E aqui estou eu. Um pouco além do meio do caminho que me leva a Santiago de Compostela. Se as coisas são tão simples como Petrus diz, por que esta aventura inútil?

Nesta tarde, neste bar, no longínquo ano de 1986, ainda não sei que em seis ou sete meses irei escrever um livro sobre esta minha experiência.

Não sei que por minha alma já caminha o pastor Santiago em busca de um tesouro, que uma mulher chamada Veronika prepara-se para ingerir algumas pílulas e cometer suicídio, que Pilar chegará diante do rio Piedra e escreverá, chorando, o seu diário. Não posso imaginar que 25 anos depois farei um livro contando outra peregrinação importante em minha vida, que me levou ao encontro de um misterioso ponto chamado Aleph.

Tudo o que sei é que estou fazendo este absurdo e monótono Caminho. Não existe fax, celular, os refúgios são poucos, meu guia parece irritado o tempo inteiro e não tenho ideia do que está acontecendo no Brasil.

Tudo o que sei neste momento é que estou tenso, nervoso, porque acabo de me dar conta de que não posso mais voltar a fazer o que vinha fazendo — mesmo que isso signifique abrir mão de uma quantia razoável no fim do mês, de certa estabilidade emocional, de um trabalho que já conheço e do qual domino algumas técnicas.

Preciso mudar, seguir em direção ao meu sonho, um sonho que me parece infantil, ridículo, impossível de ser realizado e que nunca tive coragem de assumir: tornar-me o escritor que secretamente sempre desejei ser.

Petrus termina de beber seu café, sua água mineral, pede que eu pague a conta e começa a caminhar antes mesmo que eu receba o troco. Ainda faltam alguns quilômetros até a próxima cidade.

As pessoas continuam passando e conversando, olhando com o rabo do olho os dois peregrinos de meia-idade, pensando em como há gente estranha neste mundo, sempre pronta a tentar reviver um passado que já está morto.* A temperatura deve estar em torno de 27°C, pois é fim de tarde.

Eu queria mudar?

Acho que não, mas no final das contas este caminho está me transformando.

Eu queria conhecer os mistérios?

Acho que sim, mas o caminho está me ensinando que não existem mistérios, que, como dizia Jesus Cristo, não há nada oculto que não tenha sido revelado.

Enfim, tudo está acontecendo exatamente ao contrário do que eu esperava.

Estou imerso em meus pensamentos, em minha insegurança, e Petrus deve estar pensando no seu trabalho

* No ano em que fiz a peregrinação, apenas quatrocentas pessoas tinham percorrido o Caminho de Santiago. Em 2010, segundo estatísticas da Junta da Galícia, quatrocentas e cinquenta pessoas passavam — por dia — diante do bar mencionado no texto.

em Milão. Ele está aqui porque, de alguma maneira, foi obrigado pela Tradição, mas espera que esta caminhada termine logo, para que possa voltar a fazer o que gosta.

Andamos por quase todo o resto da tarde sem conversar. Estamos isolados em nossa convivência forçada. Santiago de Compostela está adiante, e não posso imaginar que este caminho me conduz não apenas a esta cidade, mas a muitas outras cidades do mundo.

Nem eu nem Petrus sabemos que nesta tarde eu estou também caminhando para Milão, sua cidade, onde chegarei quase dez anos depois, com um livro chamado *O Alquimista*.

Estou caminhando em direção a este futuro — nesta tarde de julho ou agosto de 1986.

Prólogo

— E que, diante da Face Sagrada de RAM, você toque com suas mãos a Palavra da Vida, e receba tanta força que se torne testemunha dela até os Confins da Terra!

O Mestre levantou minha nova espada, mantendo-a dentro da bainha. As chamas na fogueira crepitaram, um presságio favorável, indicando que o ritual devia seguir adiante. Então eu me abaixei e, com as mãos nuas, comecei a cavar a terra à minha frente.

Era a noite do dia 2 de janeiro de 1986, e nós estávamos no alto de uma das montanhas da serra do Mar, perto da formação conhecida como Agulhas Negras. Além de mim e de meu Mestre, estavam também minha mulher, um discípulo meu, um guia local e um representante da grande fraternidade que congregava as ordens esotéricas em todo o mundo, conhecida pelo nome de Tradição. Todos os cinco — inclusive o guia, que já tinha sido avisado previamente do que iria acontecer — estavam participando de minha ordenação como Mestre da Ordem de RAM.

Terminei de cavar um buraco raso, mas comprido. Com toda a solenidade toquei a terra, pronunciando as palavras rituais. Minha mulher então se aproximou e me entregou a espada que eu tinha utilizado por mais de dez

anos e que tanto me auxiliara em centenas de Operações Mágicas durante aquele tempo. Eu depositei a espada no buraco que havia cavado. Depois joguei a terra por cima e aplaínei de novo o terreno. Enquanto fazia isso me lembrava das provas por que havia passado, das coisas que tinha conhecido e dos fenômenos que era capaz de provocar simplesmente porque eu tinha comigo aquela espada tão antiga e tão minha amiga. Agora ela seria devorada pela terra, o ferro de sua lâmina e a madeira de seu cabo servindo novamente de alimento para o local de onde havia tirado tanto Poder.

O Mestre se aproximou e colocou minha nova espada diante de mim, em cima do local onde eu havia enterrado a antiga. Todos então abriram os braços e o Mestre, utilizando seu Poder, fez com que em volta de nós se formasse uma espécie de luz estranha, que não clareava, mas era visível e fazia com que o vulto das pessoas tivesse uma cor diferente do amarelo projetado pela fogueira. Então, desembainhando sua própria espada, tocou nos meus ombros e na minha testa, enquanto dizia:

— Pelo Poder e pelo Amor de RAM, eu te nomeio Mestre e Cavaleiro da Ordem, hoje e para o resto dos dias desta tua vida. R de Rigor, A de Amor, M de Misericórdia; R de *Regnum*, A de *Agnus*, M de *Mundi*. Quando você tocar sua espada, que ela jamais fique muito tempo na bainha, porque há de enferrujar. Mas, quando ela sair da bainha, que jamais volte sem antes haver feito um Bem, aberto um Caminho ou bebido o sangue de um Inimigo.

E com a ponta de sua espada feriu levemente minha testa. A partir daquele momento eu não precisava mais

ficar em silêncio. Não precisava esconder aquilo de que era capaz nem ocultar os prodígios que havia aprendido a realizar no caminho da Tradição. A partir daquele momento eu era um Mago.

Estendi a mão para pegar minha nova espada, de aço que não se destrói e de madeira que a terra não consome, com seu punho preto e vermelho, e sua bainha preta. Porém, na hora em que minhas mãos tocaram na bainha e que eu me preparava para trazê-la até mim, o Mestre deu um passo à frente e, com toda a violência, pisou nos meus dedos, fazendo com que eu gritasse de dor e largasse a espada.

Olhei para ele sem entender nada. A luz estranha havia sumido e o rosto do Mestre tinha agora a aparência fantasmagórica que as chamas da fogueira desenhavam.

Ele me olhou friamente, chamou minha mulher e lhe entregou a nova espada. Depois virou-se para mim e disse:

— Afasta sua mão que o ilude! Porque o caminho da Tradição não é o caminho dos poucos escolhidos, mas o caminho de todos os homens! E o Poder que você pensa que tem não vale nada, porque não é um Poder que se divida com os outros homens! Você deveria ter recusado a espada, e se tivesse feito isso ela lhe seria entregue, porque seu coração estava puro. Mas, como eu temia, no momento sublime você escorregou e caiu. E, por causa de sua avidez, terá que caminhar novamente em busca de sua espada. E, por causa de sua soberba, terá que buscá-la entre os homens simples. E, por causa de seu fascínio pelos prodígios, terá que lutar muito para con-

seguir de novo aquilo que tão generosamente lhe ia sendo entregue.

Foi como se o mundo tivesse fugido dos meus pés. Eu continuei ajoelhado, atônito, sem querer pensar em nada. Uma vez que já havia devolvido minha antiga espada à terra, não poderia pegá-la de volta. E, uma vez que a nova não me havia sido entregue, eu estava de novo como alguém que tivesse começado naquele instante, sem poder e sem defesa. No dia de minha suprema Ordenação Celeste, a violência de meu Mestre, pisando meus dedos, me devolvia ao mundo do Ódio e da Terra.

O guia apagou a fogueira e minha mulher veio até mim e me ajudou a levantar. Ela trazia minha nova espada nas mãos, mas pelas regras da Tradição eu jamais poderia tocá-la sem permissão do meu Mestre. Descemos em silêncio pelo meio da mata, seguindo a lanterna do guia, até chegarmos à pequena estrada de terra onde os carros estavam estacionados.

Ninguém se despediu de mim. Minha mulher colocou a espada na mala do carro e deu a partida no motor. Ficamos um longo tempo em silêncio, enquanto ela dirigia devagar, contornando os buracos e as valas do caminho.

— Não se preocupe — disse ela, tentando me animar um pouco. — Tenho certeza de que você irá consegui-la de volta.

Perguntei-lhe o que o Mestre tinha dito.

— Ele me falou três coisas. Primeiro, que ele deveria ter levado um agasalho, porque ali em cima fazia muito mais frio do que estava pensando. Segundo, que nada daquilo tinha sido uma surpresa para ele, e que já havia

acontecido muitas outras vezes, com muitas outras pessoas que tinham chegado até onde você chegou. E, terceiro, que sua espada estaria esperando por você numa hora certa, numa data certa, em algum ponto de um caminho que você terá que percorrer. Eu não sei nem a data nem a hora. Ele me falou apenas do local onde devo escondê-la para que você a encontre.

— E qual é esse caminho? — perguntei, nervoso.

— Ah, isto ele não explicou muito bem. Disse apenas que você procurasse no mapa da Espanha uma rota antiga, medieval, conhecida como o Estranho Caminho de Santiago.